

O PROCESSO DE FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE GALIA: UM OLHAR PORMENORIZADO SOB A SEDA.

SANTOS, Rodrigo Amado dos.

Docente do Curso de Bacharelado em Turismo da Faculdade de Ciências Humanas (FAHU) da Associação Cultural e Educacional de Garça (ACEG).
Bacharel em Turismo – Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Mestre em Ciências Sociais - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus Marília. Doutorando em Geografia - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus Rio Claro
profrodrigoamado@gmail.com

BARBOSA, Talita Prado.

Bacharel em Turismo – Faculdade de Ciências Humanas – FAHU/ACEG – Garça – São Paulo – Brasil. Especialista em Metodologia do Ensino - Associação Cultural e Educacional de Garça. Mestre em Ciências Sociais – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus Marília – Doutoranda em Ciências Sociais – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus Marília
E-mail: prado.talita@hotmail.com

RÉSIO, Priscila

Acadêmica do Curso de Bacharelado em Turismo da Faculdade de Ciências Humanas (FAHU) da Associação Cultural e Educacional de Garça (ACEG)
pr-soria@bol.com.br

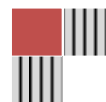
RESUMO:

O presente artigo tem a pretensão de demonstrar a maneira como o processo de formação sócio-histórico do município de Gália ocorreu, observando os trajetos dos primeiros exploradores de uma área que até então era tida como inóspita, graças à presença de constantes conflitos entre homens brancos e os índios caingangues, e como tais acontecimentos foram responsáveis por “moldar” o município que hoje conhecemos como Gália, local que teve como ícones representativos de seu crescimento o café, a cana de açúcar e a seda, sendo este último uma das facetas mais importantes na construção da identidade desta cidade. Assim, aqui se pretende, sucintamente, abordar um processo historiográfico que dê conta de enxergar a importância e a representatividade que a seda teve na estruturação das relações econômicas, políticas, sociais e culturais que ali se estabeleceram e foram responsáveis para que esta cidade fosse reconhecida como a “Princesinha da Seda”, e de que maneira a atividade turística poderia ser considerada enquanto instrumento chave no processo de preservação e propagação de laços históricos tão importantes para essa comunidade.

Palavras-chave: Cultura. Gália. Identidade. Seda. Turismo.

ABSTRACT

This article purports to demonstrate how the formation process of socio-historical Gália occurred by observing the paths of early explorers of an area which until then was considered inhospitable, thanks to the presence of constant conflict between white men caingangues and Indians, and how such events were responsible for "shaping" the city we know today as Gaul, which took place as icons representative of his growth as coffee, sugar cane and silk, the latter being one of the most important facets construction of identity in this city. Thus, we want them, briefly, to address a historic graphical process that is able to see the importance and representativeness that silk was the structuring of economic, political, social and cultural factors that have settled there and were responsible for this city to be recognized as the "Princess of Silk", and how tourist activity could be regarded as a key process in the preservation and propagation of important historical ties to this community.



Keywords: Culture. Gália. Identity. Silk. Tourism

1. INTRODUÇÃO

Compreender um processo de formação de um município é um trabalho extremamente complexo, pois para que se possa explicar com clareza seu processo de formação é necessário um estudo e um olhar aprofundado e pormenorizado, com base em pesquisas historiográficas e antropológicas que nos levem aos acontecimentos, personagens e relações que deram origem a uma determinada comunidade, como é o caso que aqui propomos: a formação do município de Gália. Dentro deste contexto, percebe-se que diversos indivíduos mostraram-se de notável importância, ganhando destaque ao longo da história. Dentre estes, ganham evidência, por exemplo, Pedro Alves Pacheco, Galdino Ribeiro e Manuel Lauriano_Ribeiro. Tais homens, tidos como desbravadores, fazem parte da história da formação do município de Gália e suas figuras estão embebidas por todo um contexto cultural e identitário, que mais tarde serão reconhecidas como símbolos, ícones de grande representação e que destoam peculiaridades específicas a respeito do surgimento deste município, de forma única e singular.

O que se percebe assim é que para se resgatar a história, a cultura, a identidade e a memória de uma comunidade, necessitaríamos mais do que livros e dados. Seria preciso aprofundar-se na história, em todos os seus sentidos, vertentes e narradores. “Ouvir” como o processo de estruturação socioeconômico fora sentido pelos seus fundadores, e quando isso não for possível, verificar narrativas que possam apresentar novas visões, novos desfechos, curiosidades e quem sabe, certos mitos. E será nesse contexto, de maneira sucinta, que pretendemos abordar a primeira parte de nosso trabalho.

2. HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE GÁLIA

O município de Gália surgiu em meio ao sertão desconhecido. Em 1897, com a chegada do Coronel Eduardo Porto, Pedro Alves Pacheco e mais nove camaradas, homens que tinham como intuito localizar e tomar posse das terras que haviam comprado, tendo a intenção de serem pioneiros, desbravadores do sertão, criando suas próprias raízes e estilos de vida, conseguiram enxergar aqui o que os outros não conseguiram ver: uma terra abastada de riquezas e com um futuro promissor. Assim, de acordo com Pontes e Barnezi,

uma corrente humana afluí para essa região, buscando a terra e a concretização do sonho de se transformarem, enfim, em proprietários. Dessa maneira, a história da zona noroeste foi feita por forasteiros que distantes de sua terra natal, às vezes do próprio país, outras tantas, de além-mar, como no caso dos imigrantes que (re) construíram suas identidades,



reinventaram práticas sociais e culturais e implementaram um amplo processo de miscigenação (2001, pág.17).

O Coronel Eduardo acreditava no potencial da região que fora comprado do Dr. Ângelo Tavares, habitante de São Manuel do Paraíso, por causa de sua profissão, não tinha intenção de sair de sua localidade, e por tal fato, acabou vendendo as terras que mais tarde seriam conhecidas por Gália. Como os antigos bandeirantes, Eduardo Porto e Pedro Alves Pacheco seguiram o curso dos rios a cavalo e fazendo as “picadas”, aberturas de trechos dentro da mata fechada, abriram caminho entre São Manuel do Paraíso até o Morro Redondo (que atualmente é conhecido como a cidade de Piratininga), que se localizava na fazenda de seu amigo: João Pereira (PONTES e BARNEZI, 2001).

De lá, seguiram a pé, margeando o rio Alambari até encontrarem a embocadura do Rio das Antas. Continuaram a pé, margeando este mesmo rio, no sentido de sua nascente, até encontrarem a barra de um riacho, que hoje teria o nome de Eduardo de Souza Porto, famoso coronel da época margearam este riacho e encontraram a gleba tão procurada. Derrubaram o matagal ao redor e construíram ranchos de pau a pique. Logo depois, voltaram para São Manuel do Paraíso com o intuito de se prepararem e adquirirem condições necessárias que lhes dessem a possibilidade para formar suas plantações.

Em 1898, retornaram ao local (que mais tarde seria conhecido como Gália) para formar lavouras de cana-de-açúcar como também a primeira lavoura de café, na região esse, esse grão que já era conhecido na capital da província, podemos, considerar, a importância que o “ouro verde” teve para São Paulo. Este trouxe a abertura de uma sociedade com perspectivas econômicas que até então não foram vistas, abrindo novos horizontes de desenvolvimento e que foram contemplados graças ao surgimento das ferrovias, sendo este um dos principais elementos de ligação entre o ideal progressista vigente nas zonas urbanas e a vida de “barbárie” vista nos sertões de nosso Estado. Por essa perspectiva, Matos nos lembra que

Se considerarmos que, em São Paulo, o café alterou a fisionomia física, humana, social, cultural e econômica do Estado, criando paisagens próprias, balizando o povoamento, fazendo nascer cidades, abrindo zonas pioneiras, desenvolvendo os centros urbanos, propiciando o aparecimento de ferrovias, fazendo surgir uma unidade sócio-econômica bem definida, como a fazenda do café, (...) tudo isso considerado, conviremos que, se o café foi o “esteio do Brasil”, na frase de Taunay, muito mais o foi de São Paulo (1990, pág. 56-57).

Justamente por causa deste cenário, o Coronel Eduardo Porto, que acreditava na agricultura, obteve êxito na suas plantações, juntamente com seu companheiro de empreitada Pedro Alves Pacheco, que recebeu como pagamento, do Coronel por ajudar no processo de desbravamento dessa área, a Fazenda Boa Ventura, local onde também iniciou o processo de formação de sua lavoura.



Pedro Alves Pacheco morou por muito tempo com sua esposa Maria Gertrudes, em uma casa de coqueiro, onde a mata era a divisa de sua fazenda. Além de plantações, criava porcos e galinhas que serviam como alimento para o sustento de sua família. Na região de sua fazenda, havia índios caingangues, que se mostravam hostis a qualquer contato com a civilização, uma vez que suas terras estavam sendo invadidas pelos construtores das Estradas de Ferro. Mas Pedro Alves Pacheco conseguiu acalmá-los e conquistou a amizade dos mesmos.

Em 1902 foi construída a primeira igreja, localizada às margens do Rio das Antas. Esta fora feita de madeira e erguida pelos primeiros homens a habitar na cidade de Gália. Em 1905 inicia-se, não somente na região de Gália, bem como as outras regiões do interior do Estado de São Paulo, o que hoje consideramos como um processo de extermínio da população indígena caingangue a exterminação que não ocorreu somente na região de Gália, mais e outras regiões.

Em 1926, Pedro Alves Pacheco, fazendeiro abastado, definitivamente fixou sua residência nessa localidade. Construiu sua casa, sendo esta uma das melhores do povoado. Sujeito sociável e de amizade com todos, era uma pessoa bem quista, um bom marido e religioso, além de contribuir em constância para melhoria do município. Suas doações, que ficaram escritas nos bancos do jardim da Praça da Matriz – bancos que hoje não mais existem, sendo trocados por outros – eram direcionadas às obras religiosas, que tinham como objetivo ajudar a população mais carente. Por esse e por outros motivos, Pacheco foi tido como uma pessoa de grande exemplo para a cidade. Os políticos nunca se esqueceram da importância de Pedro Alves Pacheco para o processo de formação e desenvolvimento de Gália.

Com o passar do tempo a população só veio a aumentar pessoas de todo os cantos, até mesmo estrangeiros, se aventuraram rumo ao desconhecido para que tivessem a oportunidade de uma nova vida. Junto a esses novos aventureiros veio um grupo de mineiros da Inglaterra que compraram uma gleba de terra de aproximadamente 5.000 hectares, lá pelos lados do Rio do Peixe e se propuseram a instalar uma fazenda que produzisse café, cereais e algodão, colocando o nome a então de Companhia Agrícola do Rio Tibiriçá.

Para os Galienses, o local era conhecido como a “Fazenda dos Ingleses”. A idéia dos mineiros era montar uma estrutura independente, que tivesse igreja, cinema, armazém, farmácia, clube, serraria, selaria, máquina de beneficiamento, entre outros aparatos que auxiliassem na execução das tarefas do dia-a-dia, bem como também pudessem lhes proporcionar um bem-estar elevado (PONTES e BARNEZI, 2001). O intuito destes proprietários era de construir um lugar para a socialização dos indivíduos de Gália e região. A fazenda dos ingleses era bastante conhecida pela produção da lavoura de café, de algodão e cereais, plantados e colhidos ali mesmo, entre tantas



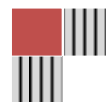
outras ações que poderiam aqui ser destacadas, há a construção de um armazém na cidade de Gália, para catação, escoamento, despacho do café para seu destino. Este mesmo armazém, anos mais tarde, seria conhecido como a Indústria de Sedas Beraldim. Passado alguns anos a fazenda dos ingleses se desfez. Estes acabaram vendendo suas terras e se retirando da região de Gália.

Com o passar do tempo, os cenários que eram tidos como prósperos mudaram no Estado de São Paulo. Para a região de Gália isso não foi diferente. As cidades que viviam do café, como nos lembrará Monteiro Lobato em “Cidades Mortas”, morreram quando este procurou outras trajetórias de desenvolvimento. Em busca de outro cenário que guiasse seu desenvolvimento, a cidadãos de Gália, acolheram, com todas as esperanças por um futuro próspero, a chegada do “bicho da seda”.

A seda para a cidade de Gália foi, e continua sendo, muito importante. Afinal, graças a uma “larva”, este município conseguiu, e ainda o faz manter os ritmos de sua economia. Afinal de contas, hoje a seda é um tecido considerado um dos mais finos do mercado, sendo esta uma realidade não apenas brasileira, como também de outros países ocidentais. A criação do Bicho da Seda em Gália aconteceu por meados de 1960. O pioneiro a trazê-la para o município de Gália, descobrindo que este seria um grande investimento, foi o Sr. Luciano Rivaben. Este personagem teve ao seu favor uma região que era propícia para criação, manutenção e propagação desse tipo de produção, já que existe todo um processo minucioso que precisa ser respeitado para podermos chegar ao fio da seda. Apostando nesta nova produção, surge uma fábrica que até hoje é vista em tal localidade. Por causa de tais atividades, sua região será conhecida como a “Princesinha da Seda”.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM OLHAR SOBRE A RELAÇÃO TURISMO E CULTURA – A POSSIBILIDADE DE UM RESGATE DOS “OLHARES ESQUECIDOS”.

Nesse contexto, percebe-se que o turismo, bem como quaisquer ações que fizerem parte de sua cadeia produtiva – como é o caso do evento aqui citado - deve ser concebido como uma ferramenta que visa à preservação e contemplação de todos os resquícios que fazem do local atrativo singular não apenas à sociedade da qual faz parte, como também se mostre enquanto um objeto distinto e peculiar capaz de ampliar os horizontes de percepção dos indivíduos que se defrontarem com suas características. Nesse sentido, a imagem da seda – como todo e qualquer produto de sua ação – juntamente como a identidade e memória que exalam, podem ser trabalhadas como verdadeiros centros de memória viva, que quando bem utilizadas pelo turismo, são capazes de reforçar a qualidade de vida da população local. Por isso, os procedimentos relacionados à sua planificação e gestão devem considerar um dos princípios analisados por Krippendorff para uma nova concepção do turismo, onde para a continuação benéfica, com a redução drástica de impactos



negativos em nossa sociedade, caberia aos empreendedores e gestores desta mesma atividade/fenômeno considerar o Turismo como, uma política que buscasse o seguinte objetivo:

(...) assegurar e otimizar a satisfação das múltiplas necessidades turísticas dos indivíduos de todas as camadas sociais no âmbito das instalações adequadas e num meio ambiente intacto, levando em consideração os interesses da população autóctone. (...) A política do turismo não estará mais centrada exclusivamente nas finalidades econômicas e técnicas, mas também respeitará o meio ambiente e levará em conta as necessidades de todas as pessoas envolvidas. (2001, p.136)

Sendo assim, julga-se de fundamental importância lembrar que os possíveis aspectos negativos do impacto sócio-cultural promovidos pela intensificação da atividade turística somente serão amenizados através de um planejamento participativo onde os atores sociais que integram as manifestações das culturas populares estabelecerão os limites daquilo que pode ser mudado, interpretado ou incorporado. Sem essa participação ativa, essa manifestação torna-se mero espetáculo, sem ligação com a localidade e encenado unicamente para “o turista ver”. Essa descaracterização leva à desvalorização da própria cultura local, que só terá utilidade dentro de determinados padrões de autenticidade e somente poderão ser avaliados pela comunidade receptora.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2001.

MATOS, Odilon Nogueira de. **Café e ferrovias**: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira. Campinas: Pontes, 1990.

PONTES, Maria Zélia Sellani; BARNEZI, Rosemary Gattás. **Doces lembranças de outrora**: povoamento do Vale das Antas, 1845-1950: Gália e Fernão. Bauru-SP: Joarte, 2001.

